O CINEMA COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE SOCIAL: A REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA NO FILME-"PUREZA"

Gisele Sousa Figueirêdo[1]

RESUMO

Este artigo analisa o filme brasileiro Pureza (2022) como um meio de reflexão crítica sobre a escravidão contemporânea. Inspirado em uma história real, o longa retrata a jornada de uma mãe em busca do filho desaparecido, revelando as brutais condições de trabalho análogas à escravidão ainda presentes na sociedade brasileira. O estudo tem como objetivo examinar Pureza enquanto manifestação artística que denuncia e sensibiliza o público acerca dessa realidade social. A análise baseia-se na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, com destaque para os conceitos de Indústria Cultural, reificação e dialética do esclarecimento, conforme proposto por Adorno (1947), Horkheimer (1947) e Marcuse (1964). O artigo propõe o cinema como agente de reflexão, conscientização e resistência, adotando uma abordagem qualitativa fundamentada na análise fílmica para compreender como as mensagens simbólicas do filme dialogam com os conceitos da Teoria Crítica e com a realidade atual de trabalhadores submetidos a condições degradantes.

Palavras-chave: Pureza; Escravidão Contemporânea; Teoria Crítica; Indústria Cultural; Escola de Frankfurt.

[1] Acadêmica do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL.gisele.figueiredo@uemasul.edu.br

ABSTRACT

This article examines the Brazilian film Pureza (2022) as a medium of social reflection and critique on contemporary slavery. Based on a true story, the film portrays a mother's journey in search of her missing son, revealing the brutal conditions of slave-like labor that still persist in Brazil. The study aims to analyze Pureza as a cultural artifact capable of denouncing and raising awareness about this reality. Grounded in Frankfurt School Critical Theory, particularly in the concepts of Cultural Industry, reification, and the dialectic of enlightenment, the analysis seeks to understand the potential of cinema as an instrument of denunciation and social transformation. The relevance of this research lies in highlighting the persiedstence of human exploitation and questioning the structures that sustain it. Thus, the article positions cinema as an agent of awareness and political resistance, using a qualitative approach to investigate how the film's symbolic messages interact with theoretical assumptions and reflect the current context of workers subjected to degrading labor conditions.

KEYWORDS: Pureza; Contemporary Slavery; Critical Theory; Cultural Industry; Frankfurt School.

1. INTRODUÇÃO

O cinema, enquanto manifestação artística e meio de comunicação de massa, ocupa um papel de destaque na formação de valores, na construção de identidades coletivas e na problematização de questões sociais relevantes. Mais do que uma forma de entretenimento, o cinema tem o potencial de atuar como instrumento de análise crítica e denúncia, capaz de revelar realidades ocultas e provocar reflexões acerca das estruturas de poder que moldam a sociedade. Entre os diversos temas abordados pela sétima arte, a escravidão, tanto em sua dimensão histórica quanto em suas persistências contemporâneas, figura como um dos mais impactantes e necessários de serem revisitados, sobretudo em um país como o Brasil, cuja herança escravocrata ainda deixa marcas profundas nas relações sociais e econômicas.

Apesar de a escravidão ter sido oficialmente abolida em 1888, práticas de exploração laboral persistem sob novas roupagens, configurando o que hoje se denomina trabalho análogo à escravidão. Essa realidade, caracterizada por jornadas exaustivas, condições degradantes e restrição de liberdade, atinge milhares de trabalhadores brasileiros, em especial aqueles em situação de vulnerabilidade social e econômica. Tais práticas evidenciam a permanência de um sistema de desigualdades estruturais que perpetua a marginalização de determinados grupos e revela o fracasso das políticas públicas de erradicação da exploração humana.

Nesse contexto, o filme *Pureza* (2022) dirigido por Renato Barbieri e inspirado na história real de Pureza Lopes Loyola, assume uma importância singular. A obra retrata a jornada de uma mãe em busca de seu filho desaparecido, que acaba por se deparar com a dura realidade do trabalho escravo contemporâneo em fazendas do interior do Pará. A narrativa, ao mesmo tempo comovente e denunciadora, transcende a ficção ao expor as contradições sociais e morais que ainda sustentam formas de exploração humana em pleno século XXI. Assim, *Pureza* consolida-se como um importante aparato cultural e político, utilizando a linguagem cinematográfica como meio de sensibilização e resistência.

Sob a perspectiva da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, é possível compreender o cinema não apenas como produto da Indústria Cultural, mas também como ferramenta de ruptura e conscientização social. Autores como Theodor Adorno (1997), Max Horkheimer (1997) e Herbert Marcuse (1964) destacam que, em meio à massificação cultural e à alienação promovida pelo capitalismo tardio, a arte mantém um potencial emancipatório, capaz de revelar as contradições da realidade e fomentar o pensamento crítico. Nesse sentido, *a obra* se insere como exemplo de produção cinematográfica que desafia a lógica da reificação e da padronização cultural, propondo ao espectador uma experiência estética que conduz à reflexão e à crítica social. A relevância do filme reside justamente em subverter essa lógica. Segundo Adorno e Horkheimer (1997), a Indústria Cultural não eleva o homem à condição de sujeito, mas o rebaixa à condição de objeto. Nesse viés, ao confrontar o espectador com a realidade da escravidão, *Pureza* o retira da passividade do consumo, exigindo uma postura de sujeito crítico e consciente, em oposição direta a alienação promovida pela cultura de massa.

A escolha dessa obra como objeto de estudo justifica-se, portanto, pela importância de seu conteúdo e pelo diálogo que estabelece entre arte, ética e política. O filme não apenas retrata uma história de coragem e resistência, mas também convida à análise das estruturas que perpetuam a opressão, revelando o cinema como espaço de disputa simbólica e instrumento de transformação social. Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar o filme *Pureza* enquanto representação da escravidão contemporânea, examinando de que maneira seus elementos narrativos, simbólicos e estéticos se articulam com os conceitos centrais da Teoria Crítica e contribuem para a denúncia das desigualdades ainda presentes na sociedade brasileira.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, com base na análise fílmica e em referenciais teóricos que relacionam arte, cultura e ideologia. Como arcabouço,

apoia-se, ainda, na revisão bibliográfica que inclui os textos da Escola de Frankfurt. Buscando-se, assim, compreender como o cinema pode atuar como agente de conscientização e resistência, reafirmando seu papel social na promoção dos direitos humanos e no fortalecimento de uma consciência crítica diante das múltiplas formas de exploração que ainda persistem na contemporaneidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A escravidão contemporânea no Brasil e suas bases estruturais

A escravidão contemporânea constitui uma das mais graves violações aos direitos humanos ainda presentes na sociedade brasileira, revelando a persistência de estruturas históricas de exploração que se adaptaram às dinâmicas do capitalismo moderno. Embora formalmente abolida pela Lei Áurea em 1888, a escravidão não foi acompanhada de políticas públicas eficazes de inclusão social, o que resultou na manutenção de profundas desigualdades socioeconômicas que até hoje condicionam parcelas significativas da população à vulnerabilidade extrema. Nesse cenário, o trabalho análogo à escravidão emerge como expressão concreta da continuidade de um sistema de dominação que se reinventa sob novas formas, mas preserva sua essência exploratória.

No ordenamento jurídico brasileiro, o conceito de trabalho análogo à escravidão encontra-se positivado no artigo 149 do Código Penal, que caracteriza essa prática pela submissão do trabalhador a condições degradantes, jornadas exaustivas, servidão por dívida ou restrição de sua liberdade de locomoção. Tal definição amplia a compreensão clássica de escravidão, superando a ideia restrita de cerceamento físico e incorporando dimensões materiais, psicológicas e sociais da exploração humana. Essa ampliação conceitual representa um avanço normativo relevante, pois reconhece que a privação da dignidade não se dá apenas pela força direta, mas também por mecanismos sutis de coerção econômica e social.

Apesar dos avanços legislativos, os dados empíricos revelam a permanência alarmante dessas práticas em diversas regiões do país, sobretudo em áreas rurais e em setores como a agropecuária, a mineração e o desmatamento ilegal. Trabalhadores em situação de extrema pobreza, baixo nível de escolaridade e ausência de oportunidades são frequentemente aliciados por promessas ilusórias de emprego e renda, sendo posteriormente submetidos a condições desumanas de trabalho. Essa realidade evidencia que a escravidão contemporânea

não é um desvio isolado, mas um fenômeno estrutural, diretamente relacionado à lógica de acumulação capitalista e à negligência histórica do Estado em promover justiça social.

2.2 A Reificação do Trabalhador e a Teoria Crítica

Sob uma perspectiva crítica, é possível afirmar que a escravidão contemporânea está intrinsecamente ligada ao processo de reificação do trabalhador, conceito central da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. A reificação consiste na transformação do ser humano em coisa, em mero instrumento de produção, destituído de subjetividade e valor intrínseco. No contexto do trabalho análogo à escravidão, o trabalhador deixa de ser reconhecido como sujeito de direitos e passa a ser tratado como recurso descartável, cuja existência é legitimada apenas pela sua capacidade produtiva. Essa lógica reflete a racionalidade instrumental denunciada por Adorno e Horkheimer, na qual a eficiência econômica se sobrepõe à dignidade humana.

A crítica frankfurtiana ao Esclarecimento, que se torna instrumental, é fundamental para entender essa dinâmica. Adorno e Horkheimer afirmam que: "O Esclarecimento, na mais abrangente acepção de um pensamento em progresso, perseguiu sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na soberania. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal" (Adorno; Horkheimer, 1997, p. 6). A razão moderna, que deveria nos libertar, acabou se voltando para a dominação. No caso da escravidão contemporânea, a "calamidade triunfal" é o sistema capitalista que usa a eficiência técnica e legal, a razão instrumental, para maximizar o lucro, mesmo que isso signifique manter a exploração humana. A razão, em vez de ser um meio para a emancipação, torna-se um instrumento de opressão. Essa instrumentalização da razão leva diretamente à reificação, ou seja, à transformação do ser humano em objeto.

Os autores complementam que: "O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar inteiramente a ela e aos homens. Nada mais conta. Desfaz-se a distinção entre o animado e o inanimado, como a entre o mítico e o lógico" (Adorno; Horkheimer, 1997, p. 6). O pensamento moderno só valoriza o conhecimento que serve para controlar a natureza e, por extensão, as pessoas. No trabalho análogo à escravidão, o trabalhador é desumanizado, tratados como uma ferramenta descartável. Sua vida, seus direitos e sua subjetividade são anulados, e ele passa a contar apenas como força produtiva, confirmando a lógica da dominação que a razão instrumental impõe. Além disso, a naturalização dessas práticas no imaginário social contribui para sua reprodução e invisibilização.

A sociedade de consumo, mediada pela Indústria Cultural, tende a ocultar as condições reais de produção dos bens que consome, promovendo uma dissociação entre o produto final e o sofrimento humano que o originou. Nesse sentido, a escravidão contemporânea é mantida não apenas pela omissão estatal ou pela ganância empresarial, mas também por um sistema cultural que anestesia a consciência coletiva e dificulta a percepção crítica das injustiças estruturais. A alienação do consumidor, portanto, atua como elemento funcional à perpetuação da exploração.



Fonte: Globo play

Neste frame do filme *Pureza* que captura um momento de confronto em um acampamento de trabalho análogo à escravidão. A protagonista, Pureza Lopes Loyola (Dira Paes), está em primeiro plano, com uma expressão de determinação. Os trabalhadores, anônimos e em segundo plano, representam a massa reificada, transformada em coisa ou força de trabalho descartável. Eles estão ali, no ambiente insalubre, como peças de uma engrenagem. Eles observam a cena com expressões mistas de curiosidade, medo e esperança em um ambiente de descanso improvisado, reforçando a situação de vulnerabilidade. O fundo mostra um ambiente rústico e precário, com estruturas de madeira e palha, e redes penduradas, indicando as condições de vida rudimentares e coletivas dos trabalhadores.

A fotograma representa o ponto de ruptura onde a exploração oculta é confrontada. O ambiente de trabalho e a situação dos homens ao fundo são a expressão da Racionalidade Instrumental, onde a razão é usada apenas para o lucro, e não para a liberdade. O acampamento e os trabalhadores são a prova de que a razão, no capitalismo tardio, se tornou puramente técnica e voltada para o lucro. A única finalidade do ambiente e dos indivíduos é a produção. O sistema utiliza a técnica de aliciamento, a servidão por dívida, para alcançar o objetivo de máxima exploração, ignorando qualquer valor humano ou ético.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO FILME PUREZA

3.1 O filme *Pureza* como narrativa de denúncia e a crítica à Indústria Cultural

O cinema, enquanto produto da Indústria Cultural, ocupa uma posição ambígua no interior da sociedade capitalista. Conforme apontam Adorno e Horkheimer, a cultura massificada tende a reproduzir valores hegemônicos, reforçando a passividade do público e a naturalização das desigualdades sociais. Entretanto, essa mesma indústria pode, em determinadas circunstâncias, produzir obras que rompem com a lógica da padronização e da alienação, assumindo um caráter crítico e contra hegemônico. É nesse espaço de tensão que se insere o filme *Pureza* (2022), ao utilizar a linguagem cinematográfica como instrumento de denúncia da escravidão contemporânea no Brasil.

A Indústria Cultural, segundo os autores, opera como um sistema que busca a homogeneização e a previsibilidade. Eles observam que: "O que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, arte e diversão, são reduzidos a uma fórmula, à unidade da indústria cultural" (Adorno; Horkheimer, 1997, p. 57). Isso significa que a cultura de massa transforma tudo em algo padronizado, como se fosse uma linha de montagem, eliminando a arte que realmente faz pensar. O filme, ao abordar um tema pesado e incômodo como a escravidão, rompe com essa "fórmula" do entretenimento fácil, forçando o espectador a sair da passividade e confrontar uma realidade que a indústria cultural prefere ignorar ou suavizar.

A padronização cultural visa manter o público em um estado de conformismo e distração. Adorno e Horkheimer descrevem essa passividade, afirmando que: "A diversão é a prolongação do trabalho sob o capitalismo tardio. É procurada por quem quer se subtrair ao processo de trabalho mecanizado para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo" (Adorno; Horkheimer, p. 58). O lazer oferecido pela Indústria Cultural serve apenas para recarregar as energias do trabalhador para que ele volte a trabalhar, sem questionar o sistema. A obra se opõe a essa "diversão" alienante, pois não oferece um escapismo, mas sim um confronto direto com a realidade da exploração. O filme se torna um catalisador para a reflexão crítica sobre as bases desse mesmo trabalho exploratório.

3.2 A Indústria Cultural e o Potencial Emancipatório

A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt propõe uma reflexão profunda acerca do papel da cultura na reprodução ou superação das formas de dominação social. Para autores como Adorno, Horkheimer e Marcuse, a cultura, quando subordinada integralmente à lógica do capital, tende a reforçar a alienação e a passividade dos indivíduos, impedindo o desenvolvimento de uma consciência crítica capaz de questionar as estruturas de poder vigentes. No entanto, esses mesmos autores reconhecem que a arte, em determinadas circunstâncias, pode preservar um potencial emancipatório, atuando como meio de revelação das contradições sociais e de estímulo à reflexão crítica.

É nesse horizonte teórico que a obra cinematográfica pode ser compreendida como um instrumento de conscientização e resistência. Ao expor de maneira sensível e realista a escravidão contemporânea, o filme rompe com a invisibilidade que normalmente cerca esse fenômeno. A narrativa não se limita a retratar a exploração como um problema isolado ou excepcional, mas a insere em um contexto estrutural marcado pela desigualdade, pela omissão institucional e pela naturalização da violência. Essa abordagem amplia a compreensão do espectador, deslocando-o de uma percepção individualizante do problema para uma leitura crítica das condições sociais que o produzem. Assim, o cinema atua como mediador entre a realidade social e a consciência do público, cumprindo uma função pedagógica no sentido crítico do termo. Sob essa perspectiva, a obra contribui para o processo de desalienação ao confrontar o espectador com as consequências humanas da lógica capitalista excludente.

A alienação, conforme descrita pela Teoria Crítica, não se restringe ao ambiente de trabalho, mas permeia todas as esferas da vida social, incluindo o consumo cultural. O espectador, frequentemente habituado a consumir produtos audiovisuais de forma acrítica, é instigado por Pureza a reconhecer sua própria posição dentro de um sistema que se sustenta na exploração do trabalho precarizado. Esse reconhecimento representa um passo fundamental para a formação de uma consciência crítica, ainda que não garanta, por si só, uma transformação imediata da realidade.

A arte que resiste à Indústria Cultural é aquela que se recusa a ser facilmente consumida e digerida. Adorno, em suas reflexões sobre a arte autêntica, aponta que: "A arte autêntica não se deixa absorver pelo consumo, mas se opõe a ele". A verdadeira arte não é feita para ser vendida ou para agradar a todos; ela é feita para ser difícil e para fazer pensar. O filme

alcança esse potencial crítico ao não romantizar a tragédia, ao não oferecer um final fácil e ao manter o foco na denúncia. Ele se opõe ao consumo cultural que busca apenas o conforto, tornando-se um ato de resistência estética contra a lógica da Indústria Cultural. A figura da resistência, personificada na protagonista, também assume relevância no debate sobre emancipação social. Embora a Teoria Crítica seja frequentemente acusada de pessimismo, a recusa à dominação é um ponto de esperança. Os autores reconhecem que a dominação não é total, e que o pensamento crítico é o que resta para a liberdade.

> O pensamento crítico, que não se detém nem mesmo diante do progresso, exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareçam impotentes em face da grande marcha da história. (Adorno; Horkheimer, 1997, p. 1).

Mesmo que o sistema pareça invencível, o ato de pensar criticamente e de lutar pela "humanidade real" como faz a protagonista Pureza é o que mantém viva a possibilidade de mudança. A trajetória de Pureza, ao desafiar estruturas de poder profundamente enraizadas, simboliza essa recusa ao conformismo e a defesa desses "últimos resíduos de liberdade" contra a opressão sistêmica. Nesse contexto, o cinema emerge como espaço de disputa simbólica, no qual diferentes visões de mundo entram em confronto. Ao escolher narrar uma história de exploração e resistência, Pureza se posiciona contra a lógica da Indústria Cultural que tende a neutralizar conflitos sociais em nome da rentabilidade e do entretenimento superficial. Essa tomada de posição confere à obra um caráter contra hegemônico, reforçando a ideia de que a cultura pode atuar como instrumento de crítica e transformação social, mesmo quando produzida no interior de um sistema marcado pela mercantilização.

Portanto, a análise do filme Pureza à luz da Teoria Crítica permite compreender o cinema como um potente agente de conscientização, capaz de estimular o pensamento crítico e questionar as estruturas que sustentam a escravidão contemporânea. Ao articular estética, ética e política, a obra reafirma o papel social da arte na promoção da dignidade humana e na luta contra as múltiplas formas de exploração ainda presentes na sociedade brasileira. Dessa forma, o cinema se consolida não apenas como reflexo da realidade, mas como instrumento ativo na construção de uma consciência crítica voltada à emancipação social e à efetivação dos direitos humanos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A análise do filme *Pureza* à luz da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt permite reafirmar o papel do cinema como instrumento relevante de denúncia social e reflexão crítica acerca da escravidão contemporânea no Brasil. Ao longo deste estudo, evidenciou-se que o trabalho análogo à escravidão não constitui um resquício isolado do passado, mas um fenômeno estrutural profundamente vinculado às desigualdades sociais, à racionalidade instrumental do capitalismo e à histórica omissão do Estado na garantia efetiva dos direitos fundamentais. O filme, ao retratar essa realidade de forma sensível e politicamente engajada, rompe com a invisibilidade que geralmente envolve essas práticas, trazendo-as para o centro do debate público.

Sob a perspectiva da Indústria Cultural, Pureza demonstra que, embora o cinema esteja inserido em um sistema de produção cultural orientado pelo lucro, ainda é possível a existência de obras que tensionem essa lógica e preservem um potencial crítico e emancipatório. Ao evitar a espetacularização da dor e ao privilegiar uma narrativa que provoca desconforto e indignação, o filme se afasta dos padrões hegemônicos do entretenimento massificado. Essa ruptura evidencia que a arte pode atuar como espaço de resistência simbólica, questionando as formas de alienação e reificação que caracterizam a sociedade contemporânea.

A reificação do trabalhador, conceito central da Teoria Crítica, mostrou-se fundamental para a compreensão das relações de exploração retratadas na obra. Os personagens submetidos ao trabalho escravo são reduzidos à condição de objetos, destituídos de identidade e valor humano, o que revela a negação sistemática de sua dignidade. Nesse sentido, o filme contribui para desvelar os mecanismos que naturalizam a exploração, expondo como a lógica econômica transforma vidas humanas em meios descartáveis de produção. Ao tornar visível essa dinâmica, Pureza atua como ferramenta de desalienação, instigando o espectador a refletir criticamente sobre as estruturas sociais que sustentam tais práticas.

Além disso, a centralidade da figura materna na narrativa confere ao filme uma dimensão ética significativa, ao humanizar o fenômeno da escravidão contemporânea e aproximá-lo da experiência cotidiana do público. A trajetória de Pureza Lopes Loyola transcende a dimensão individual e assume um caráter coletivo, representando a luta de milhares de famílias afetadas pela exploração do trabalho e pela ausência de políticas públicas eficazes. Essa abordagem reforça a ideia de que a escravidão contemporânea não pode ser

compreendida apenas como um problema jurídico ou econômico, mas como uma violação profunda dos direitos humanos que exige uma resposta social ampla e articulada.

Dessa forma, a obra analisada confirma o potencial do cinema como agente de conscientização social, capaz de provocar reflexões críticas e questionar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a exploração. Ao articular estética e política, Pureza reafirma a importância da arte no enfrentamento das injustiças sociais, contribuindo para a formação de uma consciência crítica voltada à defesa da dignidade humana.

A partir das reflexões desenvolvidas, torna-se evidente que o cinema, embora não seja capaz de promover, isoladamente, a superação das estruturas que sustentam a escravidão contemporânea, desempenha um papel fundamental na formação da consciência crítica e na sensibilização social. Conforme aponta a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, a emancipação não decorre de soluções imediatas ou simplificadoras, mas do constante exercício de questionamento das formas de dominação que se apresentam como naturais e inevitáveis. Nesse sentido, o filme contribui para esse processo ao instigar o espectador a confrontar uma realidade frequentemente silenciada, promovendo uma ruptura, ainda que parcial, com a lógica da alienação.

A obra evidencia que a persistência do trabalho análogo à escravidão está diretamente relacionada à fragilidade das políticas públicas, à desigualdade social e à prevalência de uma racionalidade econômica que subordina a dignidade humana aos interesses do lucro. Ao expor essas contradições, o filme reforça a necessidade de uma abordagem integrada no combate à escravidão contemporânea, que envolva não apenas a atuação estatal e o fortalecimento dos mecanismos jurídicos, mas também a transformação das percepções sociais e culturais que legitimam a exploração. O cinema, nesse contexto, atua como mediador simbólico, capaz de ampliar o debate público e fortalecer a dimensão ética dos direitos humanos.

Do ponto de vista da emancipação social, Pureza não oferece respostas prontas nem soluções definitivas, o que reforça seu caráter crítico. Ao invés disso, a obra provoca inquietações e questionamentos que permanecem para além da experiência cinematográfica, convidando o espectador a assumir uma postura reflexiva diante das desigualdades estruturais. Essa capacidade de gerar incômodo e reflexão contínua constitui um dos principais potenciais

da arte crítica, conforme defendido por Adorno, ao se opor à lógica do consumo cultural imediato e acrítico promovido pela Indústria Cultural.

Por fim, a análise realizada neste artigo permite concluir que o cinema, quando orientado por um compromisso ético e político, pode se consolidar como um importante aliado na luta contra as violações de direitos humanos. Ao representar a escravidão contemporânea de forma sensível e crítica, o filme *Pureza* reafirma a função social da arte como espaço de denúncia, memória e resistência. Assim, embora seus efeitos não sejam imediatos ou mensuráveis, o cinema contribui para a construção de uma consciência coletiva mais atenta às injustiças sociais, fortalecendo o debate público e reafirmando a centralidade da dignidade humana como valor fundamental na sociedade contemporânea.

5. REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. *A indústria cultural*. Tradução de Almeida, G. A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. [Código Penal (1940)]. Artigo 149: *Redução a condição análoga à de escravo*. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 22/12/ 2024.

BRASIL. Lei n. 3.353, de 13 de maio de 1888. Extingue a escravidão no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional.* Tradução de Giasone Rebuá. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

PUREZA. Direção: Renato Barbieri. Produção: Marcus Ligocki Jr. e Renato Barbieri. Brasil: Downtown Filmes; Globo Filmes, 2022. 1 filme (101 min), son., color.